

## AS INUNDAÇÕES 16-1-66

Rubem Braga

OUVI ontem um debate na televisão em que tomaram parte, além de vários jornalistas, os arquitetos Maurício Roberto e Sérgio Bernardes. Discutiu-se longamente — e um pouco tumultuariamente, como é fatal — o problema das favelas. Confesso que não cheguei a firmar um juízo sobre o mérito e a praticabilidade de algumas providências recomendadas; estou com os dois ilustres urbanistas quando dizem que é preciso aproveitar a desgraça desses dias para começar a dar uma solução definitiva ao problema, ao mesmo tempo que se adotam providências imediatas. O impacto emocional causado pela tempestade deve ser aproveitado.

O que me parece certo é que cada favela é um problema diferente, que só pode ser examinado no local. Todas são, na verdade, indesejáveis; como, porém, é impossível destruí-las todas desde logo, o que há a fazer é adotar medidas de segurança mínima. Proibir, por exemplo, a reconstrução de barracos aludidos; e ao mesmo tempo obrigar o desmonte dos que, estando plantados em declives, resistiram às últimas chuvas mas provavelmente não resistirão a outras. Só a vegetação, principalmente o capim, pode proteger as encostas. Essa proteção não interessa apenas aos barracos do alto do morro, mas também às ruas e edifícios de baixo, que sofrem as conseqüências da erosão da terra e detritos. Essa eliminação de certo número de barracos, em função de sua localização, é coisa que pode ser feita desde logo, e com jeito não será difícil obter para ela a ajuda ou pelo menos o assentimento das associações de moradores do morro, que hão de ser sensíveis ao interesse da maioria. Não será caro oferecer, em troca, alguns melhoramentos, como instalação de bombas para elevar a água e a melhoria dos caminhos.

O fato é que o problema deve ser estudado a varejo, em detalhe, mas precisa ser enfrentado por atacado, em grande escala e com alta decisão. Mamparrear não é possível mais.

Quanto às inundações, elas são inevitáveis em muitos casos, nas condições atuais. Ainda assim, porém, muito poderia ser feito para diminuir seus efeitos. As autoridades se esquecem com freqüência de desobstruir as galerias de águas pluviais, providência que deveria ser de rotina, principalmente no verão. Mas a verdade é que o povo também não ajuda. É muito raro a gente ver, no comêço de um temporal, alguém desentupir o ralo de um bueiro junto ao meio-fio. Qualquer fôlha de jornal ou de amendoeira pode obstruir facilmente o ralo, e nenhum porteiro de edifício se dá ao trabalho de removê-la. Isso deveria ser rotina para escoteiros e estudantes e afinal para toda gente, em uma cidade em que todo mundo tem calção de banho e onde os temporais geralmente caem em dias de calor.

É, na verdade, uma coisa à-toa, mas acho que uma pequena campanha nesse sentido teria grandes efeitos. Aí fica a sugestão para os homens de rádio e televisão e para os professores e síndicos: uma campanha para que cada um limpe seu ralo...